

ASPECTOS DE VIOLÊNCIA EM *CONTOS GAUCHESCOS* E *DUBLINENSES*

Sabrina Siqueira¹

Resumo: Este trabalho propõe analisar as ocorrências de violência e as diferentes abordagens do tema em *Contos gauchescos* e *Dublinenses*, de Simões Lopes Neto e James Joyce, respectivamente, publicados em 1912 e 1914. Em *Contos gauchescos* percebe-se a violência como aspecto intrínseco da personalidade do gaúcho típico, sempre pronto para uma “peleia”. Em *Dublinenses*, o que se tem é um outro tipo de violência, que nem sempre é a física. É a opressão advinda do catolicismo exacerbado que, na opinião do narrador, dita as relações sociais e oprime o cidadão, refletindo-se em crise cultural e de valores na sociedade irlandesa do final do século XIX.

Palavras-chave: Contos gauchescos. Dublinenses. Literatura comparada. Violência.

Abstract: This work proposes to analyze occurrences of violence and different approaches of that theme in *Contos Gauchescos* and *Dubliners*, by Simões Lopes Neto and James Joyce, respectively published in 1912 and 1914. In *Contos Gauchescos* we see violence as an intrinsic aspect of typical gaúcho's personality, that is always ready to a fight. In *Dubliners*, there is another kind of violence, not always the physical one. It is the oppression from racking Catholicism that, in author's opinion, dictates social relations and oppresses the citizen, reflecting on cultural crisis and values in Irish society from ending of century XIX.

Keywords: Contos gauchescos. Dubliners. Comparative literature. Violence.

O escritor gaúcho João Simões Lopes Neto é geralmente associado ao regionalismo, que se manifestaria em sua obra marcadamente no linguajar sul-rio-grandense, além das temáticas e ambientação, que contam sobre a vida no Estado durante o século XIX. James Joyce, em contrapartida, dificilmente seria classificado como um escritor regionalista. No entanto, o conjunto de sua obra é marcado pela presença de sua terra natal, a Irlanda, e em especial a capital, Dublin, que é cenário de romances como *Retrato do artista quando jovem* e do clássico *Ulisses*. Os livros de contos dos dois autores são contemporâneos

¹ Jornalista pela UFSM e mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras pela mesma instituição.

(*Contos gauchescos* foi publicado em 1912 e *Dublinenses* em 1914) e trazem o lugar de origem de seus autores já no título.

Entre as diferenças das duas obras, podemos apontar o cenário em que as narrativas tomam forma. Em *Contos gauchescos*, prevalece o cenário rural, com cidades ainda restritas à categoria de povoados em formação, enquanto que *Dublinenses* conta sobre indivíduos que transitam em uma capital cosmopolita e bem estruturada do ponto de vista de comércio, rede de transportes e organização da estrutura urbana. A violência, fator intrínseco aos contos dos dois autores, é outra diferença, sendo explorada de formas distintas nas duas sociedades.

No que tange a abordagem da violência, podemos destacar uma semelhança e um contraponto entre as obras: o contraponto, mencionado anteriormente, é a forma diferente de abordagem desse aspecto, e a semelhança está na presença de episódios violentos, de uma ou de outra forma, em praticamente todos os contos dos dois livros. Para a filósofa política Hannah Arendt, a violência sempre fez parte das ações humanas. “Ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas...” (Arendt, 1985, p. 5). Para a autora, mesmo a paz seria a continuação de um estado de conflito através de outros meios. Pode-se entender facilmente essa conceituação utilizando a metáfora das relações comerciais e políticas, que nem sempre culminam em conflito armado, mas se utilizam, por vezes, de estratégias de embates no campo das ideias.

O Rio Grande do Sul vivenciou diversas batalhas e revoluções ao longo de sua formação. Estado fronteiriço com outros países esteve durante algum tempo sob a disputa de portugueses e espanhóis. E mesmo depois da independência do Brasil, foi cenário de revoltas entre os moradores locais e o restante do império, além das guerras civis que dividiram grupos políticos oposicionistas, como “maragatos” e “chimangos”. Essa tendência bélica se reflete na personalidade do morador do sul, que também precisava ser forte e bravo para enfrentar as intempéries do tempo, pois a tradição econômica do gaúcho é o trabalho com agropecuária, expondo seus praticantes às diferentes

condições climáticas e exigindo deles tenacidade na lida com os animais². Pensando no quanto esses fatos históricos interferiram na formação da identidade do gaúcho, o pesquisador João Luis Ourique questiona a aceitação passiva da tradição do gaúcho “peleador” e sugere que existe algo de preconceituoso na exaltação desse tipo valente, sempre pronto a honrar seus valores por meio da violência e que incorporou a guerra ao seu cotidiano:

A falta de debate e questionamentos sobre [os] fenômenos sociais que contribuem para a formação de identidades, constituindo-se em uma síntese de valores plenos e inquestionáveis que garantem a sua autopreservação em função dos ‘passaportes morais’, acaba por cobrar o preço da passagem: o da aceitação passiva dos ideais da tradição e do conservadorismo sem nem ao menos serem cogitados os preconceitos incrustados nas práticas cotidianas.

A exaltação do gaúcho adequou-se a essa realidade. A força exercida pela tradição e preservação de valores culturais com base em temas folclóricos que resgatam atitudes conservadoras em função de aspectos moralizadores de conduta acaba por encobrir atitudes preconceituosas contrárias à inclusão e ao respeito às diferenças, desde culturais até de gênero. (Umbach; Calegari; Ourique, 2011, p. 101)

Os contos de Simões Lopes Neto estão inseridos nessa fase de formação da personalidade do “gaúcho valentão” e em quase todas as dezenove histórias de *Contos gauchescos* a violência marca presença, seja a violência física, a intolerância com forasteiros ou o papel de submissão a que são relegadas algumas figuras femininas.

O conto mais representativo da banalidade da violência nas relações sociais do gaúcho, em meados do século XIX, do qual pouco era preciso para que se iniciasse uma disputa, geralmente com utilização de facas e outros instrumentos que também eram usados na lida campeira, como boleadeiras, é *O negro Bonifácio*. Preterido pela amante, Bonifácio inicia uma briga e “contamina” outros presentes que tinham “contas a acertar” com o protagonista. Já no início do conto, sabemos que ele se destacava pela valentia: “... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!”

² Erico Verissimo alude a essa tendência “belicosa” do gaúcho ao retratar seu Capitão Rodrigo, em *O Continente I*. A primeira fala da personagem é um cumprimento aos presentes no bolicho de Santa Fé, em que mistura intimidade com os instrumentos de batalhas, bom humor e atrevimento: “Buenas e m’espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (Verissimo, 1994, p. 171).

(Lopes Neto, 2001, p. 24). Ele estava imbuído do que Hannah Arendt chamou de “vigor” em uma diferenciação quanto ao termo “poder”, ou seja, força e independência de uma pessoa individual, o que geralmente leva seu possuidor a ser hostilizado pelo grupo. Bonifácio cultivava vários desafetos, que estão presentes no ambiente em que se dará a conflito.

Em um instante e sem nenhuma justificativa para tanto, arma-se um cenário de guerra. Até a água que estava fervendo para o chimarrão serviu como arma. O narrador aponta a “belicosidade” de Bonifácio positivamente, como mostra de virilidade e coragem:

Fechou o salseiro. O Nadico mandou a adaga e atravessou a pelanca do pescoço do negro, roçando na veia artéria; o major tocou-lhe fogo, de pistola, indo a bala, de refilão, lanhar-lhe uma perna... o ventana quadrava o corpo, e rebatia os talhos e pontações que lhe meneavam sem pena. (Lopes Neto, 2001, p. 28-29)

E até as mulheres tomam parte na “peleia”. Tudinha, que motivou o malogro, é quem arremata a cena de violência, esfaqueando Bonifácio, depois que este já se encontrava morto. “...a morocha [...] saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte...” (Lopes Neto, 2001, p. 30).

Além dos contos que remetem a guerras reais, como *Chasque do imperador*, *Os cabelos da china*, *O anjo da vitória* e *Duelo de Farrapos*, há menção a conflitos cotidianos que são resolvidos recorrendo-se à violência em *No manantial* e em *Contrabandista*. Nesse último, o protagonista, Jango Jorge, coloca-se em situação de perigo e em atividade que flerta com a violência ao escolher/ter de passar a vida trabalhando com o comércio de contrabandos. Ao final ele é morto, pego em flagrante pela guarda, com quem os seus companheiros tiveram de brigar para recuperar o corpo e levar à família, que o estava aguardando com o vestido de noiva da filha.

Em *Dublinenses*, a violência que perpassa os contos é de outra ordem. Não conflitos necessariamente físicos, mas violência simbólica, contenção de sentimentos e solidão. Relações marcadas pela opressão do não dito, pela falta de coragem de romper com a tradição e por ressentimentos. A violência analisada parte da organização social, influenciada pelos costumes católicos, e

atinge a comunidade refletindo-se na falta de perspectiva de mudanças. A opressão vivida pelas personagens de *Dublinenses* advém de dois fatores, principalmente: a influência da igreja católica na sociedade e o alcoolismo, que estão presentes na maioria dos contos que compõem a obra.

Em *A casa de pensão*, antes de tirar a limpo o assunto da honra da filha com o pensionista Doran, a Sra. Mooney pensa que ainda terá tempo de ir à missa do meio-dia e sabe que terá “todo o peso da opinião pública a seu lado” (Joyce, 2012, p. 60). Nessa narrativa, a vítima é o Sr. Doran, seduzido pela esperta Polly, que conta com o peso das tradições e o valor dos costumes para garantir o arranjo de um casamento. Ainda que não fosse uma pessoa ingênua, ele se vê enredado pela “moral e bons costumes”. A Sra. Mooney se refere à conversa que terá com o futuro genro como a uma batalha de cuja vitória está certa. A frase “Tinha certeza de que venceria” se repete ao longo do conto. Doran, em contrapartida, está derrotado. Enquanto tenta barbear-se lembra da confissão ao padre na noite anterior e a sensação de culpa era tamanha que ele quase agradece “a chance de poder reparar a falta”, ou seja, casar. Nesse conto, vemos uma alusão do narrador à manutenção das convenções sociais como se fossem obrigações ou castigos, pois o convencionalismo das tradições oprime as personagens em *Dublinenses*.

O conto mais emblemático de *Dublinenses*, sob o ponto de vista de questões sobre violência, é *Partes complementares*, em que passamos um dia na vida do escriturário Farrington. A menção à falta de harmonia no ambiente de trabalho do protagonista acontece já na primeira oração do conto: “A campainha soou com fúria...” (Joyce, 2012, p. 81). O que se segue é um diálogo impaciente entre ele e o chefe, que o imita e o ameaça. Quando o chefe baixa a cabeça sobre a pilha de papéis na mesa, Farrington tem vontade de extravasar toda sua frustração com um ato de violência física, que não se concretiza: “o homem fixou o olhar no crânio polido que dirigia a Crosbie & Alleyne, avaliando a fragilidade do material. Um espasmo de raiva o aferrou pela garganta por alguns momentos e depois passou...” (Joyce, 2012, p. 81).

Sentindo-se pressionado no trabalho, o funcionário tem vontade de esmurrar alguma coisa. Sua indignação era não só pelos acontecimentos do dia, repleto de frustrações, ofensas e pelo *deadline* apertado, mas pela falta de dinheiro e por todas as decepções em sua vida:

Sentia-se forte o bastante para esvaziar o escritório com uma só mão. O corpo ansiava por fazer alguma coisa, por sair correndo e esbaldar-se em violência. Todas indignidades da vida o enfureciam... [...] O barômetro de sua natureza emocional indicava a proximidade da arruaça (Joyce, 2012, p. 85).

A falta de paciência também está presente na conduta do chefe para com os empregados, o que colabora para o clima pesado no escritório e aumenta o estresse de Farrington: “O sr. Alleyne disparou uma saraivada de ofensas [...] A saraivada continuou: era tão amarga e violenta que o homem mal conseguiu resistir à tentação de descer o punho na cabeça do pingo de gente que tinha diante de si” (Joyce, 2012, p. 85).

Como válvula de escape ao ambiente de trabalho hostil, Farrington recorre a “escapadelas” a um *pub* próximo, onde bebe com pressa para voltar ao escritório. Um comentário do secretário-chefe informa o leitor de que já foram cinco “sumiços” naquele dia. O álcool lhe deixara suficientemente audacioso para responder de forma impertinente a uma provocação do chefe, com quem nunca se deu muito bem. Os dois haviam se desacertado desde o dia em que o Sr. Alleyne o ouviu imitando o sotaque do norte da Irlanda. À saída do emprego, o protagonista só pensa em refugiar-se no ambiente festivo de uma taverna com os amigos, mas uma preocupação toma então seu pensamento: estava sem dinheiro e precisava conseguir algum emprestado. Acaba por penhorar o relógio e dirige-se confiante a um bar, onde revive as cenas do trabalho numa animada narrativa aos companheiros, enquanto paga bebidas a eles.

Para o protagonista de *Partes complementares*, a noite que começa animada termina por ser mais uma frustração. Tendo pago muitas rodadas de bebidas para os amigos, Farrington gasta o dinheiro que conseguira com o penhor do relógio, atribui à falta de dinheiro o final malsucedido de um flerte com uma mulher exótica em um dos bares e perde numa luta de queda de braço enquanto media forças com Weathers, um estrangeiro mais jovem considerado pelo protagonista um “parasita”. Não é especificado pelo narrador de onde o garoto é, mas sabe-se que não é irlandês. Há também, por parte de Farrington, certa intolerância ao sotaque do norte do país que seu chefe teria.

Essa aversão ao que não é local também está presente em *Contos gauchescos*, por exemplo, em *Melancia-coco verde* e *Deve um queijo*. No primeiro, o narrador sugere que o forasteiro não compartilharia da bravura dos gaúchos e seria arredo aos seus hábitos, como a facilidade em lidar com cavalos e a alimentação baseada em carne vermelha: “Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petição e isso mesmo o petição havia de ser podre de manso...” (Lopes Neto, 2001, p. 91). Já no segundo, quem provoca uma situação de conflito em uma “venda” de beira de estrada é um castelhano, que exige de um recém-chegado que pague um queijo: “Antes que o cumprimentado falasse, o castelhano intrometeu-se: - Ah, és usted de Canguçu?... Entonces... Debe um queso!...” (Lopes Neto, 2001, p. 53). E foi então que o gaúcho cobrado pagou a iguaria e fez com que o castelhano comesse todo o queijo, não sem antes deflagrar-lhe uma surra de facão:

No mesmo soflagrante, de plancha, duro e chato, o velho Lessa derrubou-lhe o facão entre as orelhas, pelas costelas, pelas paletas, pela barriga, pelas ventas... seguido e miúdo, como quem empapa d'água um couro lanudo. E com essa sumanta levou-o sobre o mesmo surrão de erva, pôs-lhe nos joelhos o prato com o resto do queijo e gritou-lhe nos ouvidos: - Come!... (Lopes Neto, 2001, p. 55).

Retomando *Partes complementares*, enquanto espera o bonde que o levará para casa, para onde “detestava voltar”, Farrington está mal-humorado e “cheio de um borbulhante sentimento de raiva e de vingança” (Joyce, 2012, p. 91). Talvez refletisse que o grande vilão de sua história naquele dia, quem realmente o prejudicou, tenha sido ele mesmo. Foram a sua lentidão e negligência no trabalho, bem como sua inclinação a beber durante o expediente que facilitaram uma relação de animosidade e falta de respeito do chefe para com ele. E assim também se deu no bar. A prática amistosa de pagar bebidas aos amigos fez com que ficasse sem dinheiro e não garantiu seu prestígio entre os companheiros. Cada ação de Farrington naquele dia colaborou para aumentar sua decadência enquanto ser humano e agravar seus problemas pessoais: “Começou a praguejar contra tudo. Tinha acabado consigo mesmo no escritório, penhorado o relógio e gasto todo o dinheiro; e nem ao menos tinha conseguido ficar bêbado” (Joyce, 2012, p. 91).

O auge da raiva de Farrington e a explosão da violência que contivera ao longo daquele dia culminam com o trecho final do conto, quando ele chega em casa e, irritado com todos os problemas que trazia e percebendo a ausência da mulher, que estava na capela, espanca um dos cinco filhos porque este havia deixado o fogo apagar-se. A impaciência do protagonista aumenta com a constatação de que a esposa encontrava-se na capela àquela hora da noite. A criança, apavorada pela iminência do castigo injusto, junta as mãos em oração e recorre à influência da religião para tentar convencer o pai a não lhe machucar: “Não me bata, pai! Eu prometo... Eu prometo que vou rezar uma Ave-Maria para o senhor... Eu vou rezar uma Ave-Maria para o senhor, pai, se o senhor não me bater...” (Joyce, 2012, p. 93).

Tanto em *Contos gauchescos* como no caso de Farrington, de *Partes complementares*, pode-se suspeitar que a violência fosse parte constituinte da personalidade das personagens. No primeiro título, as explosões de ira fazem parte de uma tradição da cultura masculina gaúcha, em que o homem não seria dado a ponderações e gentilezas e teria pouca paciência para argumentações, resolvendo suas pendências à base de duelos. Na sociedade apresentada nos contos de Joyce, a violência estaria intimamente relacionada à opressão social e moral atribuída a dois fatores: a influência da igreja católica na organização social e ao alcoolismo, ambos contribuindo para a derrocada econômica em que o país europeu se viu mergulhado tantas vezes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência se manifesta de forma diferente nas narrativas de *Contos gauchescos* e de *Dublinenses*. Na primeira obra, faz parte da bravura constituinte da personalidade do povo e explode em manifestações de barbárie emolduradas pela banalidade de tradições culturais. Na segunda, está latente na rotina do cidadão descontente e oprimido pelo poder de uma igreja autoritária, esperando um momento oportuno para irromper.

O que se percebe nas narrativas de *Contos gauchescos* e *Dublinenses* é um determinismo cultural e de conduta agindo nas duas sociedades e sobre os

indivíduos. O ambiente cenário das narrativas, nos dois livros, está em fase bem diferente de desenvolvimento, e isso impacta na problematização envolvendo as personagens.

Escritos no mesmo período histórico e publicados com apenas dois anos de intervalo, as obras nos mostram as diferenças de desenvolvimento de duas regiões que, aparentemente, não teriam nada em comum. As narrativas transparecem a crítica social feita pelos escritores que viviam em ambientes distintos e estavam em diferentes faixas etárias, podemos inferir, assim, que estivessem também em diferentes estágios de maturidade.

As diferenças entre as duas obras permitem avaliarmos os contrastantes graus de desenvolvimento urbano, social e de costumes entre as sociedades gaúcha e irlandesa, em um mesmo período de tempo, a segunda metade do século XIX. Simões e Joyce foram expoentes das regiões que retrataram em suas obras, e se tornaram conhecidos para além dessas fronteiras. A partir da análise de seus contos, percebe-se que mais do que falar sobre conflitos locais, eles nos mostram, cada um a seu modo, aspectos de dramas que são universais.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Tradução Maria Claudia Drummond, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1992.
- CARVALHAL, Tania F.; COUTINHO, Eduardo. (Org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JOYCE, James. **Dublinenses**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- _____. **Retrato do artista quando jovem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- MILAN, Betty. **A força da palavra**. São Paulo: Record, 1996.
- O'BRIEN, Edna. **James Joyce**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro C.; OURIQUE, João Luiz P. **Violência e memória na produção cultural: o autoritarismo na Alemanha e no Brasil**. Santa Maria: Editora PPGL, 2011.